

# **RAÍZES DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA**

Luiz José Dietrich

Na América Latina a Bíblia é lida de muitas maneiras. Esta diversidade é parte da busca pela Palavra de Deus que acompanha a história do povo de Israel, do Cristianismo, e a formação da própria Bíblia. Reflete a disputa pela forma como se compreende a Deus, sua vontade e seus valores. Aliás, toda a história do cristianismo pode ser explicada a partir das diferentes maneiras de ler e interpretar a Palavra de Deus. Também nelas estão as raízes das leituras da Bíblia no contexto Latino-Americano.

## **Leituras enraizadas na História**

Muito das leituras Latino-Americanas segue o caudal de metodologias iniciadas no judaísmo que adentraram no cristianismo. É o caso da leitura chamada de fundamentalista ou literalista, que mantém traços que vêm desde a Igreja cristã primitiva, atravessa a Idade Média, passa pelos reformadores e por movimentos eclesiais e para-eclesiais chega à América Latina, em grande parte via América do Norte. Nessa leitura a Bíblia é revelação direta de Deus, não importando o contexto histórico dos autores ou leitores. O pentecostalismo evangélico e os carismáticos católicos reforçam a mediação do Espírito Santo. A vida pessoal e a história são um campo de batalha entre Deus e Satanás, donde Deus sairá vencedor. O leitor que se decidir contra Satanás poderá, através de sua adesão a Jesus e à Igreja, apropriar-se do poder vitorioso de Deus, e experimentar já agora as suas bênçãos. Essa leitura, com algumas variações, é a mais presente em todas as classes e Igrejas.

Há também a leitura histórico-crítica, ou diacrônica, que procura desvendar o processo e as situações vivenciais em que os textos surgiram e as modificações e influências que sofreram, até alcançar a forma em que hoje se encontram na Bíblia; e a leitura estruturalista ou sincrônica, para a qual a mensagem está codificada na estrutura do texto bíblico que chegou até nós. Vale-se da mediação das ciências da linguagem, da linguística e da semiótica para decodificar essa estrutura e alcançar o sentido do texto para nós. Não se interessa pelo contexto ou pelo processo histórico da construção do texto e nem dos seus autores. Estas leituras, porém, têm pouca projeção para fora dos meios acadêmicos, literários e científicos.

## **Mais importante é a perspectiva de leitura**

No entanto, a forma de se ler a Bíblia por si só não determina o resultado. Determinante é a perspectiva adotada. Os sacerdotes, Jesus, escribas e fariseus liam as escrituras praticamente com a mesma metodologia, mas discerniam sentidos diferentes

porque liam com perspectivas diferentes. Jesus buscava uma Palavra de Deus que fosse Boa Nova para os pobres e excluídos, e a leitura oficial defendia e legitimava as instituições e as hierarquias acima da justiça social e do direito dos pobres. Assim, por exemplo, temos o Pastor de Hermas, Basílio de Cesaréia, Gregório Nanzianzeno e, sobretudo João Crisóstomo, que nos inícios do cristianismo, fazendo uma leitura que chamaríamos de literalista, posicionaram-se ao lado dos pobres e contra os poderosos. No final da Idade Média, a Bíblia era traduzida e lida desse mesmo jeito em diversos movimentos massacrados como hereges, como os bogomilos, cátaros, albigenses, begardos. Seguem-se a eles Pedro Valdo, Joaquim de Fiore, Francisco de Assis, John Wycliff e os lolardos e Hussitas. Também não era outra a leitura dos reformadores Lutero, Zwinglio e Calvino, que mesmo em diversos aspectos sendo revolucionários, não estiveram tão próximos dos camponeses e pobres como Karlstadt, Thomas Müntzer, os anabatistas e moravianos. Nas Américas, mais ou menos nessa época, figuras como o Pe. Antônio de Montesinos e o Frei Bartolomé de las Casas liam a Bíblia em solidariedade com os indígenas. Mesmo mais tarde nos processos revolucionários que originaram os Estados Unidos da América e que sacudiram a Europa, a Bíblia, mesmo lida de modo que hoje chamaríamos de fundamentalista, esteve presente.

Parte da leitura bíblica latino-americana vem dessas fontes, ela resgata o compromisso com as lutas das pessoas empobrecidas, marginalizadas e oprimidas. Foi forjada nos fins da década de sessenta, na luta contra o domínio das ditaduras militares a serviço das elites nacionais e estrangeiras que há séculos sugavam “as veias abertas da América Latina”. Acalentada pela esperança de camponeses e camponesas que resistiam ao avanço do latifúndio, nos sindicatos e nas associações de moradores de favelas e bairros pobres, inchados pelo contingente de pessoas expulsas do campo, ela é filha das pastorais e das comunidades eclesiais de base que surgiram aí dentro. Nas comunidades dos pobres, de mãos dadas com sua irmã gêmea, a teologia da libertação, a Leitura Bíblica Latino-Americana, inicialmente partindo da apropriação quase literal de uma seleção de textos bíblicos, por um lado, irá integrando as contribuições do método histórico-crítico e da leitura sociológica da Bíblia, e por outro, irá colocar a Bíblia na mão dos pobres, para que eles a partir de sua realidade a leiam. É desse chão que nasce talvez a mais bela flor da Leitura Bíblica Latino-Americana, a “releitura bíblica”, a “Leitura Popular da Bíblia”, ou a “Leitura da Bíblia a partir dos pobres”.

### **A leitura popular da Bíblia**

Esse tipo de leitura bíblica é muito bem ilustrada por uma história contada pelo Frei Carlos Mesters: “numa pequena comunidade de agricultores bem pobres, foi lido o texto que proíbe comer carne de porco (Lv 11,7-8; Dt 14,8) O povo presente na reunião perguntou: ‘O que Deus tem a dizer hoje a nós por meio deste texto?’ Discutiram o assunto e concluíram: ‘Por meio desse texto Deus nos quer dizer que nós, hoje, devemos comer carne de porco!’ O argumento usado foi o seguinte: ‘Deus está preocupado em primeiro lugar com a vida e a saúde de seu povo. Ora, carne de porco, quando não é

bem tratada pode dar doença e provocar a morte. Por isso, naquele tempo da Bíblia, Deus proibia o povo de comer carne de porco. Mas nós hoje já sabemos como tratar essa carne. Ela não prejudica mais a nossa saúde. Além disso, ela é a única carne que temos para comer. Se não comermos dessa carne, estaremos prejudicando a vida e a saúde de nossos filhos. Por isso, hoje, Deus nos manda comer carne de porco. É para ser fiel a Deus!” É uma leitura que tem os pobres como intérpretes. O texto é incorporado à sua vida e sua vida ao texto. O texto é percebido como fruto de uma comunidade que luta pela Vida, que crê em um Deus da Vida. Para eles a Palavra de Deus não está nas letras das escrituras, mas na leitura das escrituras que atualiza a ação salvífica, protetora e libertadora de Deus para com os pobres, que permita que eles também experimentem essa presença e essa ação que fundamentam a fé de Israel e de Jesus.

Esta leitura, no entanto, exige que tenhamos também uma profunda compreensão do processo que originou a Bíblia e do que entendemos por Revelação, Inspiração e Palavra de Deus.

### **Dois grandes rios**

A grande diversidade de maneiras de apresentar, ler e compreender a Bíblia pode, basicamente, ser analisada a partir de dois referenciais. Ao falar em “duas vertentes”, “dois rios”, “dois referenciais”, penso estar consciente de trabalhar com um dualismo que de maneira nenhuma corresponde à realidade, onde na verdade entre estas duas possibilidades coexistem muitas outras que preenchem o espaço entre elas, como as muitas palhetas que unem os dois extremos de um vistoso e colorido leque. Tomo como exemplo os dois extremos para facilitar a discussão do assunto. São como dois grandes rios que sabemos serem formados por muitas águas, mas que correm juntas num mesmo caudal.

A primeira maneira alicerça-se na crença de que a Bíblia é a Palavra de Deus, fruto de uma revelação direta de Deus ou da inspiração divina. Algumas correntes cristãs inclusive professam a inspiração literal de cada uma das palavras do texto bíblico<sup>1</sup>. Ora, quando a Bíblia é simplesmente apresentada desta maneira praticamente reforça-se a idéia que ela é um livro “caído do céu”, negando a relação que a Bíblia possui com a história. Então as pessoas a recebem como algo pronto e, portanto, as perguntas pelo contexto (conflitos, cargos, modo de organização, gênero, interesses econômicos, situações sociais...) carecem de significado, tornam-se desnecessárias. Pois “se Deus falou, tá falado!” Não interessa, para quem, nem quando, nem onde.

Certamente a Bíblia é fruto de revelação ou inspiração. No entanto, precisamos esclarecer o que entendemos por isto, para não reforçarmos uma compreensão

1. Ver o livro de Bart D. EHRMAN, *O que Jesus disse? E o que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, (Tradução de Marcos Marcionilo). São Paulo : Editora Prestígio, 2006, 245 p. Neste livro, dedicado a Bruce Metzger, o autor narra seu próprio percurso, começando de uma leitura extremamente fundamentalista da Bíblia até tornar-se um dos grandes especialistas da crítica textual do Novo Testamento.

a-histórica, quase mágica, da Bíblia, que ainda hoje é muito comum. A questão gira então em torno do processo que origina a Bíblia. Como acontece a revelação? Como a inspiração interfere no texto bíblico? A revelação manifesta-se nos eventos e a inspiração na escrita que descreve os eventos? Qual a relação entre revelação/inspiração, os eventos fundantes das religiões e as escrituras sagradas que têm suas raízes nestes eventos? Não poderemos dar uma resposta satisfatória a essas questões se não tomarmos a história/realidade como que a porta de entrada para a compreensão da Bíblia.

Olhando para o processo que deu origem e consolidou o surgimento dos escritos bíblicos, percebemos que durante a maior parte do tempo no qual a Bíblia foi escrita ela não era “Bíblia”. O significado de “Bíblia” e principalmente de Bíblia como “Palavra de Deus”, como são usados hoje foram construídos ao longo da história. Para as pessoas que escreveram os textos bíblicos, estes escritos tinham vários outros significados, muito diferentes do significado que eles têm para nós hoje. As pessoas estavam escrevendo memórias de seus antepassados, de seus heróis, de seus templos e instituições e dos acontecimentos passados; leis; cânticos; provérbios, discursos, crônicas e orações. Serviam para estabelecer identidades, demarcar tradições, definir rumos e limites.

### **Como nasceu a Bíblia?**

Os textos que hoje compõem a Bíblia inicialmente circularam isolados uns dos outros, em forma oral e/ou em forma escrita; em espaços diferentes como os clãs familiares, os santuários tribais, o templo e a corte de Jerusalém. Funcionam como fontes de identidade familiar, tribal e monárquica, simultaneamente como bases religiosas, jurídicas e políticas de diversos estratos sociais daquela época. Só num momento posterior, por volta do ano 400 a.C. é que estes escritos começam a ser instituídos como “Palavra de Deus”. É somente nesta época que começa a nascer este livro que hoje é a Bíblia para nós. É somente aí que os textos serão “canonizados”. (Obs. Por volta do ano 400 deve ter ocorrido a canonização da Torá, o Pentateuco. Mas os textos Proféticos, que foram canonizados por volta dos anos 200 a.C, e os Escritos (os sapienciais) só pelos anos 50 a.C.) E é somente após a sua canonização que os textos passam a ser vistos como sagrados<sup>2</sup>, caráter que eles não possuíam até este momento. Entretanto, até os textos chegarem a ser incluídos no cânone eles sofrem uma série de mudanças, como é o caso do Pentateuco que levou aproximadamente 600 anos até chegar à forma como o conhecemos na atualidade. Ou seja, as tradições orais e os textos vão mudando de acordo com as transformações históricas da sociedade israelita. O que aparece mais facilmente, numa leitura meio rápida e superficial, é o colorido que os textos receberam na sua última redação. Mas com um pouco mais de cuidado as outras cores que possuíam antes disso podem também ser percebidas.

2. Mas nem todos os grupos que formavam o judaísmo os consideravam inspirados como a Tora. Para o saduceus, por exemplo, eles não possuíam a mesma importância.

Por isso, um segundo modo de apresentar as escrituras é apresentá-las como resultantes de um largo e complexo processo histórico. Esse processo tem suas origens no surgimento das tribos de Israel (1200 a.C.). Ora, naquele período distinguem-se diversos grupos, que se unem com o objetivo de conquistar a liberdade para livremente trabalharem a terra e usufruírem do fruto do seu trabalho. Embora o grupo mais numeroso seja constituído pelos habitantes da região de Canaã, não se firmou uma unidade completa, mas cada região vai possuir sua autonomia. Isto é importante, pois as tradições orais e os escritos não surgem num único lugar. No Reino do Norte, até por ser maior e comportar um número maior de tribos, esta diversidade perdurou mais tempo enquanto que no Sul, onde pelo fato de ser uma área geográfica menor e do poder político e religioso concentrar-se na cidade de Jerusalém, muitas tradições e escritos estarão concentrados ali ou pelo menos nas suas redondezas.

### **As Escrituras e o poder**

Num primeiro momento tanto a fé de Israel como dos seguidores do Cristo Jesus existem no meio dos seus povos como tradição oral, viva na memória, nas histórias, nas práticas e nas instituições dos diversos grupos que constituem suas sociedades. Nesse momento não estão ligadas a estruturas estatais, monárquicas e ou imperiais. Mas depois serão integradas dentro da organização sociopolítica de um estado e/ou império. Ocorre que será somente nesse estágio que essas tradições começam a ser codificadas em textos escritos como religião. É nessas condições que as tradições orais, que circulavam em diversas tribos, receberão expressão escrita. Tornam-se livro. Na forma de livro, escrita, lei do rei, do estado, do imperador, a religião passará a desempenhar outros papéis. Será orientada por uma hermenêutica do poder e para o poder. É claro que a codificação escrita não mata, não esgota e nem faz desaparecer a religião viva nas histórias orais e na memória do povo, que a instituiu, antes da escrita, como uma palavra boa, como uma Palavra de Deus, como uma religião da tribo. Acontece que estas duas formas dessas mesmas religiões passarão a coexistir, não só no meio do povo, mas também no corpo dos escritos. Coexistem nos textos, ora colidindo, ora competindo, ora excluindo uma a outra. Coexistem porque o livro para ser sagrado precisa nutrir-se do sagrado instituído antes pelo povo, precisa permitir que o povo se reconheça, se identifique com as palavras escritas, senão não terá a força almejada. Assim os textos sagrados são como que atravessados por dois riachos de águas abundantes: num deles porém se tiram águas para a guerra, noutro para a paz.

### **Moisés**

No caso da religião de Israel, embora o livro sagrado, inicie com a narrativa da criação do mundo, o surgimento do povo e da fé de Israel está ligado com o que ficou conhecido como o Êxodo: a libertação dos escravos da opressão do faraó do Egito. Hoje se sabe que se, por um lado, o grupo dos escravos que se libertaram da opressão egípcia não foi tão grande como se pode inferir de uma leitura mais apressada e super-

ficial dos textos bíblicos – que fala em 600.000 homens, sem contar as mulheres e crianças, além de uma mistura de gente (Ex 12, 37-38) – por outro lado essa história apresenta-se engrandecida, grandiosa, inchada por conter dentro de si, nas linhas e entrelinhas, muitas outras histórias de opressão e libertação vividas por diversos personagens e grupos diferentes ao logo da história de Israel.

A história dos escravos tornou-se o paradigma preferido para denunciar processos de opressão e traduzir experiências de libertação. Assim, dentro do que hoje conhecemos como o “Êxodo” temos, por exemplo, também a experiência dos milhares de camponeses cananeus que se libertaram da exploração a que duplamente estavam submetidos nas mãos dos reis cananeus sob o poder do império egípcio. Estes, sem nunca ter pisado no Egito, também foram libertados da opressão egípcia, pois a terra de Canaã estava submetida ao império dos faraós. E temos igualmente ali, entre outras, a experiência dos camponeses israelitas submetidos a pesados tributos e aos trabalhos forçados pela monarquia salomônica, e a experiência dos judaítas no exílio babilônico. É o processo que com Frei Carlos Mesters aprendemos chamar de “releitura”<sup>3</sup>.

### **Uma nova experiência de Deus**

Na raiz do povo de Israel está a experiência de libertação dos escravos egípcios e dos camponeses cananeus, que foi interpretada como fruto de uma intervenção de Deus. Um Deus completamente diferente dos outros deuses conhecidos. Um Deus dos oprimidos, que vê a miséria, ouve o clamor, conhece o sofrimento e desce para libertar os oprimidos (Ex 3,7-8). Essa experiência de Deus foi radicalmente diferente de todas as outras experiências de Deus que se conheciam na época. Os deuses mais poderosos, vencedores eram os deuses dos reis cananeus, dos faraós egípcios. Havia entre os deuses uma hierarquia semelhante a que havia entre as pessoas. Não se conhecia nenhum deus libertador dos pobres e oprimidos dentro das teologias até então existentes. Os escravos do Egito é que serão os portadores desta revelação: Existe um Deus contrário à opressão e à exploração. Um Deus que milita para libertar os oprimidos. Essa experiência de Deus é a pedra fundamental para a constituição de Israel, que se concretizará, após a derrubada das cidades-estado cananéias e com a libertação dos camponeses cananeus, no estabelecimento de uma sociedade tribal, onde a terra e o poder são partilhados, e onde se estabelecem leis coerentes com o espírito do Deus libertador, leis que impedem o acúmulo de terras e bens, a opressão e a exploração, e que promovem a solidariedade.

### **A Monarquia tenta apropriar-se do Deus dos camponeses**

Mas Israel tribal existe mais ou menos desta forma, sem poder centralizado, entre os anos 1250-1050 a.C. E., entre 1050-950 a.C., processos de acumulação de riquezas e poder militar rompem essa sociedade, fazendo surgir uma elite que institui a mo-

3. Frei Carlos MESTERS, *Por trás das palavras*, Petrópolis : Vozes, 4ª edição, 1980, p. 87-218.

narquia e consolida as relações assimétricas. Pela longa duração desse processo podemos ver que ele não aconteceu sem resistência. A monarquia significa uma centralização de poder, que se faz explorando o trabalho e a produção dos camponeses. Estes são obrigados a entregarem parte de sua produção agro-pastoril, suas filhas e filhos para trabalharem nas obras e guerras decididas pela corte (1Sm 8,11-17). Essa grande modificação introduzida na sociedade exige uma legitimação, que será buscada construindo um grande templo ao Deus libertador na antiga cidade cananéia de Jerusalém e codificando uma teologia, uma espiritualidade e uma liturgia oficial a partir do culto de um importante setor das tribos, o culto ao Deus Javé. E dali em diante Israel terá duas principais vertentes teológicas: uma a que vem da libertação e da partilha da terra, viva na memória, nos vários santuários tribais e entre as organizações camponesas remanescentes do tribalismo que, de tempos em tempos, é retomada e reapresentada pelos profetas; outra, a teologia oficial da corte e do templo de Jerusalém, dos sacerdotes, escribas e funcionários do rei. É então somente a partir da instalação da monarquia, principalmente com Davi e Salomão que a Bíblia começará a ser escrita. Estas duas teologias estão entrelaçadas nos textos sagrados do judaísmo. Jesus escolherá uma delas e será perseguido e morto pelos representantes da outra.

## **Jesus**

Algo semelhante sucede no movimento de Jesus. Jesus, como um reformador da fé de Israel busca resgatar os princípios e as práticas que deram origem ao povo de Israel. Bebe, inspira-se na vertente popular do Deus libertador do Êxodo, da partilha da terra e do poder, experimentado no tribalismo e presente nas mais genuínas tradições de Israel. De mãos dadas com os profetas de Israel, busca superar o legalismo e o ritualismo que se haviam instalado em Israel. Resgata as práticas de solidariedade acolhendo a pessoas pobres, doentes que por serem consideradas impuras eram excluídas do convívio social. Ataca as elites que desta forma se auto-legitimavam como justas e puras e cumpridoras da vontade de Deus. Anuncia o julgamento de Deus para as elites e o Reino de Deus para os pobres. Seus seguidores, organizados em pequenas comunidades domésticas nas periferias das grandes cidades do império romano, traduziram a proposta de Jesus para este contexto criando comunidades de partilha do pão, resgatando a dignidade dos pobres, dos sem-terra, sem-lugar, sem cidadania, sem-liberdade. Comunidades reunidas em torno de mesas onde se desfaziam todas as hierarquizações e discriminações existentes tanto nas comunidades judaicas mais tradicionais como na sociedade greco-romana em geral. Ali já “não se distingue mais o judeu do grego, o homem da mulher, o senhor do escravo” (cf. Gl 3, 27-28). A mesa do pão partilhado, em nome do pai e do filho, torna a todos irmãos no mesmo espírito do Deus libertador, e a partir dela cresce uma ética que deve invadir todas as relações que perfazem o cotidiano dos seguidores e seguidoras de Jesus. Começam a viver concretamente aqui e agora os sinais do que será o Reino de Deus. Assim o cristianismo cresce e se

espalha por todo o império. Para reforçar e defender esta prática surgem os escritos que comporão o Novo Testamento.

### **O império romano tenta apropriar-se do cristianismo**

Porém dentro do cristianismo, emparedado pelas perseguições contra ele movidas pelo império romano, no final do primeiro e no segundo século, crescem algumas correntes que acentuam o patriarcalismo, o espiritualismo e o ritualismo, onde a ética que distinguia e contrapunha o cristianismo ao império se desvanece. Estas correntes estão prontas para aceitar o imperador em seu meio. E assim, certa linha do cristianismo, mais ou menos em torno do ano 330 d.C., começa a ser codificado como religião oficial do império romano. A partir dessa aceitação começamos a ter também duas formas de ver o cristianismo. Uma mais coerente com a vida de Jesus e das primeiras comunidades, e outra instituída e organizada a partir do poder e integrada nos projetos de poder do império romano.

Um pouco diferente do processo do judaísmo é a questão dos escritos. Os escritos do Novo Testamento a estas alturas já estava elaborados. Mas a influência de Constantino se fará sentir na definição do Cânon cristão, na ordem dos livros dentro dele, e principalmente na estruturação do poder e da hierarquia dentro da igreja cristã imperial, e na elaboração teológica e na codificação doutrinal que se fará dentro desta nova hermenêutica cristã.

Essas duas vertentes perpassam a Bíblia e adentram na história cristã. Numa, alinham-se os profetas, Jesus, e a fraternidade da mesa partilhada na igreja primitiva; da outra, provêm a exigência dos sacrifícios, oferendas e tributos, o legalismo e o ritualismo que excluem os pobres e beneficiam e justificam as elites. Embora se refiram a um mesmo Deus, os conflitos entre eles revelam que seus Deuses são diferentes. Entretanto, estas diversas leituras incorporam-se ao texto bíblico e às teologias e fundamentam e possibilitam as várias leituras bíblicas existentes.

### **As Escrituras são como um grande mar: contém águas de muitos rios**

Um exemplo, deste longo processo de formação de um texto, pode ser percebido na expressão de Jesus qualificando o Templo como um “covil de ladrões”, que se encontra em Mc 11,17; Mt 21,13; Lc 19,46. Ora, esta expressão não é criada por Jesus, não foi ele o primeiro a fazer esta denúncia contra os sacerdotes do templo. A Bíblia nos mostra que o profeta Jeremias proferiu esta mesma qualificação por volta do ano 600 a.C. (Jr 7,11). Porém ao lermos a narrativa do julgamento de Jeremias (Jr 26) ficamos sabendo que tampouco ele foi o primeiro a falar deste modo contra o Templo. Em Jr 26,18-19 é dito que Miquéias, que atuou uns 120 anos antes que Jeremias, também já havia atacado o Templo de igual maneira. Ainda em Jr 26,20-24 está guardada a memória de Urias, um profeta que pagou com a vida por ter dito coisas semelhantes. Pode-se perceber, até aqui, que há uma linha que une a pregação de Jesus com a pregação



de Jeremias, que viveu 600 anos antes de Jesus, e além dele, pois chega até Miquéias, mais ou menos em 740 a.C. No entanto podemos seguir esta linha ainda mais para trás na história de Israel, e chegar até as raízes de Israel. Até a sociedade tribal, antes da monarquia. Podemos ver isso na presença da memória da destruição de Silo (que aconteceu por volta de 1030 a.C.) citada tanto em Jr 7,12 como em Jr 26,6.9. Silo era um importante santuário da tribo de Efraim, onde estava guardada a chamada arca da aliança. Silo, porém, foi destruído pelos filisteus, que também se apoderaram da arca (1Sm 4-6). Os sacerdotes sobreviventes de Silo estabelecer-se-ão em Nob. Porém, aparentemente, tomam partido a favor de Davi na disputa pela sucessão de Saul (1Sm 21,1-9) e por isso serão massacrados por Saul (1Sm 22,7-19). Deste massacre escapará um sacerdote. Abiatar, ele irá aliar-se com Davi (1Sm 22,20-23). Davi após conquistar a cidade de Jerusalém (2Sm 5,6-10) levará Abiatar consigo. Davi retoma a arca dos filisteus e a levará para Jerusalém (2Sm 6). Reúne Abiatar e a arca novamente.

Mas Davi terá dois sumos sacerdotes, um deles será Abiatar. O outro será Sadoc (2Sm 8,17; 20,25), provavelmente um sacerdote de origem cananéia, que comandava o culto oficial da monarquia dos jebuseus e vivia anteriormente em Jerusalém. De fato, Abiatar vai acompanhar todo o reinado de Davi. Com a velhice ou a morte de Davi, origina-se uma disputa pelo trono dentro da sua própria família. A disputa divide a corte em dois grupos: o dos filhos de Davi nascidos em Hebron (2Sm 3,2-5) e os filhos de Davi nascidos em Jerusalém (2Sm 5,13-16). O grupo das mulheres e dos filhos nascidos em Hebron certamente representa maior proximidade com as tradições tribais javistas israelitas. Junto com eles, apoiando a Adonias estará o comandante Joab e também o sumo sacerdote Abiatar (1Rs 1,5-8). O outro grupo, das mulheres e filhos nascidos em Jerusalém está mais próximo das tradições monárquicas, estatais, cananéias. Com eles, apoiando Salomão, estará o chefe dos guerreiros mercenários estrangeiros e o sumo sacerdote Sadoc (1Rs 1,38-39). Salomão resulta vencedor deste conflito e o grupo oposto será assassinado (1Rs 2,12-35), com exceção do sacerdote Abiatar que será expulso para a cidade de Anatot (1Rs 2,26-27), terra de onde virá Jeremias, membro desta linhagem sacerdotal. Neste sentido, ao lermos o profeta Jeremias percebemos que ele conhecia claramente a realidade de Jerusalém, as intrigas de poder; por isso pode afirmar que o Templo é um covil de ladrões. Por sua vez, os evangelhos parecem recolher esta memória da tradição oral, uma vez que confundem o nome de Aquimelec/Aimelec, o sacerdote que com o qual Davi se encontrou em 1Sm 21,2 com seu descendente mais notório, Abiatar, que posteriormente será um dos principais sacerdotes do reino de Davi.

### **Leitura Popular é também leitura profética: memória viva na história**

A partir dos elementos anteriores podemos agora olhar para a questão da inspiração. Uma pergunta que se coloca neste momento é como tudo isso chegou até a época de Jesus. A suspeita é que tenha vindo através da tradição conservada no ambiente das famílias camponesas, que conservaram a espiritualidade e as tradições dos antigos santuários. Isto deve nos fazer perceber que por debaixo do texto bíblico correm dois

grandes rios: o primeiro deles é o rio da *teologia oficial*, o qual tem como centro a família de Davi, a teologia do Templo, a lei do sábado, da circuncisão e do puro/impuro, da raça eleita; o segundo é o rio da *teologia popular*, que vem do êxodo, tribos, profecias, de uma sabedoria tribal e que vai inspirar Jesus.

### **Leitura Popular da Bíblia: resgatar a vida por trás das palavras lá e cá**

A partir disto fica claro para nós que a Palavra de Deus não está no livro em si; não está nas Escrituras, mas está nos eventos. Para essa discussão é extremamente importante termos sempre em mente a imagem dos negros profetas zulus gritando aos brancos: “Antes possuíamos a terra e vocês tinham a Bíblia. Agora vocês possuem a terra e para nós restou a Bíblia”<sup>4</sup>; ou dos povos originários andinos, cujo representante “devolveu a Bíblia ao Papa dizendo: ‘leve de volta esse livro porque ele é a causa do nosso extermínio’”<sup>5</sup>. Isso significa que a Bíblia não foi “Palavra de Deus”, ou “Evangelho – Boa Nova” para estes povos. Assim como também não foi em outras situações históricas para outros povos, grupos e pessoas.

É necessário aprofundar a partir disso a questão de quem é que institui uma palavra enquanto Palavra de Deus, e de como isso acontece. Os que a ditam como norma e regra a partir de uma posição de poder e domínio, ou os pobres que a recebem enquanto Palavra que os anima e promove mais vida e justiça para os injustiçados? Na Bíblia os momentos fundantes do judaísmo e do cristianismo foram instituídos, respectivamente, enquanto Revelação – Palavra de Deus, e enquanto Boa Nova – Evangelho de Deus, pelos escravos e camponeses espoliados no Antigo Testamento, e pelos pobres, excluídos no Novo Testamento. Mas há também na Bíblia, aproveitando-se do sucesso dessa palavra popular, a apropriação dela feita pelas instâncias de poder: a palavra da monarquia, instituída em nome de Javé libertador, e a codificação do cristianismo feita após sua cooptação pelo império romano. E isto influenciou na forma como compreendemos e com que finalidade trabalhamos com a Bíblia.

### **Quem institui a Palavra de Deus? O Evangelho – Boa Nova?**

Do mesmo modo que nas experiências fundantes de Israel não foram o faraó e os reis que reconheceram nos eventos do êxodo a manifestação – “Palavra” do Deus libertador –, mas foram os escravos e camponeses que se libertaram da escravidão; assim como não foram as autoridades judaicas que reconheceram em Jesus o “Evangelho, a Boa Nova da chegada do reinado de Deus” na Leitura Popular da Bíblia, este reconhecimento e leitura devem ser feitos por quem está recebendo as Escrituras e não

4. Bengt. G. M. SUNDKLER, “Bantu prophets in South África”, Londres : Oxford University Press, 1948, 384 p. Citado por Vittorio LANTERNARI, *As religiões dos oprimidos*, (Coleção Debates – Ciências Sociais), São Paulo : Editora Perspectiva, 1974, p.17.

5. Citado por Frei Carlos MESTERS, no texto: “O que a Bíblia tem a ver com a Ecologia, e o que a Ecologia tem a ver com a Bíblia”, publicado na coletânea “Ecologia: Solidariedade com o cosmos”, em: *A Palavra na Vida*, n. 189, São Leopoldo : CEBI, 2003, p.29.

por quem a está trazendo. As Escrituras somente serão reconhecidas como Palavra de Deus – Evangelho – Boa Nova, quando atualizarem, promoverem na vida das pessoas e comunidades, que as estão recebendo, a mesma experiência de libertação e salvação experimentada pelos grupos que estão na origem da fé de Israel e do cristianismo. As escrituras não são Palavra de Deus em si. Serão Palavra de Deus pela função que exercerem na vida daqueles e daquelas que a estão recebendo. A Leitura Política da Bíblia quer levar muito a sério esses questionamentos e esforça-se para encontrar uma Palavra de Deus, que seja reconhecida como Boa Nova, e não palavra de morte, como foram essas Bíblias rejeitadas e devolvidas. Se promover a Vida solidária, principalmente onde ela está mais ameaçada, ela é Palavra de Deus; caso contrário, não.

Também assim deve ser a nossa compreensão da inspiração. Uma definição autoritária da inspiração vem acentuar a questão da lei, das normas e da hierarquia de poder em detrimento do espírito. Contudo, a força da Bíblia, do Deus e da espiritualidade da Bíblia nascem e estão na defesa da vida. E é este espírito que devemos procurar.

Como então trabalhar com as comunidades estas questões, para que elas descubram estes elementos? Não tenho as respostas, mas penso que um dos caminhos seja procurar trabalhar a Bíblia numa perspectiva menos clerical e mais leiga. Menos centrada em objetivos catequéticos, dogmáticos e de auto-reprodução eclesial. E mais diretamente relacionada com os movimentos sociais e populares, com temáticas definidas a partir das relações com estes movimentos, que perpassam as Igrejas, mas que vão bastante além delas. Isso pode ajudar a superar os limites de nossa formação catequética e teológica, de nossa espiritualidade que é ainda muito clericalizada. Muito do que somos hoje, no que se refere ao cristianismo tem suas raízes na época de Constantino. Isso é tão forte que marca todas as Igrejas. Ou seja, a maior parte do que se faz nas comunidades, a prática pastoral, ou o que se costuma chamar de evangelização, o uso da Bíblia nas comunidades ainda gira em torno da igreja institucional, ou das igrejas institucionalizadas. Este “eclesiocentrismo” parece ser ecumênico. Quase todos nós recebemos uma formação dentro desses padrões.

### **A sacralidade da vida**

Uma perspectiva leiga estaria mais voltada para a vida do povo. Cabe a nós, no entanto, fomentar este outro modo de ler a Bíblia, de fazer teologia, que nasce da vida, preocupados em perceber e celebrar a presença do sagrado na vida, no cotidiano. A teologia clerical vem ainda de uma matriz que divide o mundo em sagrado e profano, e que reforça o miraculoso: a passagem no Mar Vermelho, os milagres e a Ressurreição de Jesus. A reflexão sobre Deus, a experiência de Deus na vida cotidiana e na história, foi o que Jesus fez. Por exemplo, um dos aspectos mais característicos do ensino e da prática de Jesus foram as parábolas. Porém entre as parábolas não encontramos nenhuma que se refira aos elementos da religião oficial de sua época – Templo, circuncisão, altar, sacrifícios, pureza, sábado – e as apresente como imagem do Reinado de

Deus. O contrário acontece com os elementos da vida cotidiana das mulheres e homens do seu tempo: O Reinado de Deus é como uma mulher que misturou um punhado de farinha na massa, é como uma mulher que perdeu uma moeda; é como o semeador, a semente, o pescador, o pastor, a viúva pobre...

Temos que trabalhar a Bíblia em função da vida e não em torno da Bíblia e da Igreja. Para que isto não aconteça precisamos sempre ter claro o que nós queremos. Nossa metodologia deveria começar pela pergunta: quais são os problemas que queremos/precisamos trabalhar; com um diagnóstico da situação, da realidade. Precisamos estar cientes das inquietações que nos movem, que movem as pessoas a realizarem um curso bíblico, que nem sempre é aquilo que aparece à primeira vista. Por vezes, o que as pessoas manifestam é aquilo que elas imaginam que nós queremos escutar. Num curso sempre aparecem elementos religiosos, mas precisamos conhecer o dia-a-dia e encima disso montar o curso. Ai, sim, entra a Bíblia, num segundo momento. Neste segundo momento é que nós vamos estudar os livros, épocas, autoria, processo de composição, etc.

Esta compreensão da Bíblia e as perguntas que nascem da vida devem ser nosso ponto de entrada na Bíblia. Isso é ver a Bíblia com um *espelho da realidade*, como diz frei Carlos Mesters. O que vem antes do texto é muito importante, e precisamos dedicar um bom tempo para isso. É o que aconteceu para os discípulos de Emaús. Apesar de tudo o que foi explicado, tudo acabou. Só falar de Bíblia não transforma a vida das pessoas, não muda o sentido de sua caminhada. O uso da Bíblia hoje deve servir para iluminar a presença da Libertação, da Salvação dentro da vida da comunidade, ou de possibilitar que estas comunidades experimentem processos de libertação e de salvação semelhantes aqueles que deram origem às religiões bíblicas. E esta forma de usar a Bíblia deve buscar com que as nossas comunidades de hoje coloquem-se a serviço deste tipo de Evangelização, desta forma de anúncio da Palavra de Deus.

Mas por outro lado também devemos estar cientes de que a Palavra de Deus que nós temos é uma construção histórica, pois do mesmo modo outros povos e culturas vão afirmar que outros livros são Palavra de Deus, e que os seus livros é que são inspirados. Neste sentido, precisamos saber relativizar este conceito para abrir-nos ao diálogo com as demais tradições religiosas.... Neste ponto precisamos – toda a humanidade, todos os povos e todas as culturas – compreender que o Deus da Vida – é muito maior do que tudo o que podemos dizer e pensar sobre ele, e que todas as formas de vida são parte importante desta imensa sinfonia da Vida, tremendamente maior e mais importante que nossos rituais, nossos dogmas, nossas instituições religiosas – e na qual nós, seres humanos, somos apenas algumas notas acrescentadas no último minuto. Ainda não estamos bem arranjados, bem adaptados, ainda não nos submetemos ao Espírito desta belíssima e complexa sinfonia. Acrescentamos alguma melodia, mas também muita dissonância, tanta que se não tivermos humildade, se não nos dispusermos a aprender uns com os outros, conviver e compartilhar esta partitura de forma solidária com todas as outras foras de vida, poderemos causar nossa exclusão da sinfonia da Vida, e não teremos experimentado a Palavra que Deus tem para nós aqui e agora.

**Bibliografia:**

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis : Vozes, 4ª edição, 1980, 257 p.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa. Uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis : Vozes, 1983, 206 p.

DREHER, Martin N. *Bíblia, suas leituras e interpretações na história do cristianismo*. São Leopoldo: CEBI/Editora Sinodal, 2006, 183 p.

Luiz José Dietrich  
Caixa Postal 5150  
88040-970 – Florianópolis-SC  
048-32342325  
luizdietrich@ig.com.br